

## O MARXISMO COM "DISTINGOS" \*

Jean Yves Calvez, S.J. \_\_\_\_\_

Jean Yves Calvez, um dos maiores especialistas contemporâneos do pensamento de Marx, autor, dentre outros numerosos livros e artigos, da obra clássica "La Pensée de Karl Marx", traduzida em todos os principais idiomas (trad. port. de Agostinho Velloso S.J., ed. Livraria Tavares Martins, 2 vols.), analisa o problema que, sob variantes diversas se renova constantemente na Igreja, nos últimos decênios, a saber, o dos cristãos que intentam adotar o marxismo "com distingos", isto é, adotar parte do mesmo, dissociada do todo. Após abordar a concepção unitária que, do marxismo, nutrem os próprios marxistas, o autor analisa quatro formas dessa adoção intencionalmente parcial do marxismo: Uma primeira: a intenção de adotar somente a práxis marxista, seja no sentido de um programa político de um partido comunista, seja no sentido da luta de classes ou, no das práticas concretas utilizadas pelo movimento. Uma segunda: no sentido de adotar só a análise social marxista ou só alguns de seus elementos, como, v. gr. a teoria da plus – valia ou da baixa tendencial de lucro do capitalismo. Terceira: adoção do marxismo como "Ciência", intentando distinguir seu aporte científico, de sua filosofia e ideologia. E, finalmente, a adoção do mesmo, como puro método orientador e disciplinador de um discurso teórico regrado, distinguindo esse método dos pressupostos concretos em que se funda, de seus conteúdos, princípios e conclusões. Em todas essas diversas modalidades de adoção do marxismo, o autor analisa as limitadas perspectivas que oferecem a um cristão, as profundas ambigüidades que envolvem e o eventual progressivo esvaziamento da sua fé, a que, apesar de todos os "distingos", facilmente se sujeita.

---

(\*) -- Publicado nos Documentos "Fe cristiana y marxismo", Univers. Andres Bello, Caracas, 1978.  
Reprodução diretamente autorizada pelo autor.

Aparecem periodicamente cristãos que dizem aderir ao marxismo, não todavia à totalidade do marxismo. Afirmam adoptar uma parte somente do marxismo, na qual encontram coerência, rejeitando ao mesmo tempo outros elementos contrários à fé cristã. Elementos esses que não estariam necessariamente incluídos na parte por eles admitida.

Isto aconteceu, por exemplo, na França, nos anos trinta (cf. controvérsias nas quais estiveram envolvidos Emmanuel Mounier ou o P. Gaston Fessard...). Depois, em diversas regiões da Europa, logo após a segunda guerra mundial. Novamente na França, com os "cristãos progressistas". Na Europa oriental, com muitos grupos de cristãos em estreita colaboração com os novos regimes marxistas (aí implantados). O mesmo fenómeno se repetiu mais tarde no Brasil de João Goulart (1961-1964), particularmente no seio do movimento Ação Popular. Mais recentemente, voltou a manifestar-se em outras partes da América Latina, partindo do Chile, subindo em direção ao norte. E mais recentemente ainda, (depois de 1968), volta a aparecer na Europa mediterrânea (Itália, Espanha, Portugal, França).

Que pensar de todas essas tentativas?...

1 - Antes de mais nada, impõe-se uma primeira observa-

ção: os marxistas não cristãos, de sua parte, não conhecem os "distingos" que usam os cristãos "marxistas". É verdade que hoje abundam as variedades de marxismos, os diferentes marxismos. Cada uma das diversas interpretações, porém se apresenta como o verdadeiro marxismo, como todo o marxismo e não, como escolhendo e retraindo uma só parte dele (dissociável). Alguns certamente rejeitam, do (verdadeiro) marxismo, elementos que outros (injustamente, dizem os primeiros) vêm nele contido. Mas o que eles mesmos apresentam como (verdadeiro) marxismo é o que, a seus olhos, é a totalidade do que Marx pensou verdadeiramente (ou, a rigor, o implícito, ainda mais decisivo que subtende o explícito do pensamento de Marx).

Importa acrescentar que, com raras exceções, nesses diversos marxismos, não há lugar para a fé ou a religião. Geralmente tratam delas (da fé, da religião) como de uma "ideologia" e dão a esse termo sentidos por vezes diversos, mas sempre de conotação pejorativa.

Evidentemente, não é de admirar-se de que esses marxistas não cristãos sejam efetivamente não cristãos... O que é necessário ressaltar é que eles excluem a própria possibilidade de um lugar para a religião.

Os cristãos bem podem servir-se de um ou doutro des-

ses marxismos, em apoio de seus "distingos". Podem servir-se, por exemplo, do marxismo de Louis Althusser (vulgarizado na América Latina por uma de suas alunas). Para eles o pensamento de Althusser tem o interesse de reconsiderar o marxismo como uma "ciência" (ciência das formações sociais). Isto não implica, porém de maneira alguma, que o marxismo do próprio Althusser conceda foros de direito (ou deixe um lugar possível) à religião ou à fé. Não, em verdade ele as trata com maior desprezo ainda que os marxistas "humanistas" e não há nada que lhe seja mais avesso do que o pensamento teológico, mesmo o que alguns teriam atribuído a Marx.

As exceções evocadas não são desse lado. Elas se encontram em alguns marxistas (pouco "ortodoxos") da Europa Central e Oriental, que começaram a duvidar que o marxismo tenha solução para todos os problemas do homem e a indagar-se se não poderia haver, para além do comunismo, lugar a alguma investigação ulterior (sobre o sentido da vida, por exemplo), à qual a religião não seria forçosamente alheia...

Mais recentemente há o Garaudy, da sua última fase, da "Palavra de homem", proclamando-se cristão sem deixar de ser marxista. Malgrado as aparências, porém, o seu caso pode ser bem menos significativo que o daqueles marxistas

da Europa central e oriental a que aludíamos, e isto, sobretudo pelo caráter imanentista do cristianismo professado por Garaudy.

As poucas aberturas ocorridas, faz alguns anos (pois essas vozes parecem agora ter silenciado) especialmente na Europa central e oriental, apresentam bastante interesse. Não se pode, porém ignorar que foram vozes isoladas, nem dissimular os limites do que elas disseram; pois a essas mesmas vozes não parece haver lugar a uma função da religião em nossos dias; isto, ao menos enquanto não estiver construído o comunismo; depois, talvez poderia haver algum lugar...

É verdade também que algumas vezes (inclusive em Ernst Bloch) se reconhece que os grandes líderes religiosos, os profetas (os da Bíblia ou um Thomas Münzer... e alguns mais recentes) puderam ser revolucionários. Trata-se de um reconhecimento do valor da contestação social deles (embora como utópica, não científica). Não é um reconhecimento do sentido religioso que davam à vida humana (do homem em face de Deus). Portanto, uma convergência accidental, como se pode dizer, deste ponto de vista do marxismo.

Finalmente, dá-se o caso de partidos, notoriamente marxistas, que entretanto não pedem a quem quiser filiar-se-lhes que abandone sua fé cristã. Basta

que se identifique com o programa político do partido. Por exemplo: o artigo 2º dos Estatutos do Partido Comunista Italiano diz: "Podem inscrever-se no PCI os cidadãos..., qualquer que seja sua raça, sua fé religiosa e suas convicções filosóficas, que aceitem o programa político do Partido". Mas o caso é equívoco. Em primeiro lugar porque resta a ver se não se dá aqui uma contradição, ou seja, se o programa político de um tal partido, não implica realmente em nenhuma convicção filosófica concreta? Além disso em outro artigo não se deixa de dizer o seguinte: "Todo o inscrito no partido tem o dever... de adquirir e de aprofundar (ressalvadas as disposições do art. 2º) o conhecimento do marxismo-leninismo" (art. 5º). Que quer dizer o inciso "ressalvadas as disposições do art. 2º?... Que o dever de aprofundar-se no conhecimento do marxismo-leninismo se pode reduzir a um dever de informar-se? Embora não se diga expressamente isto, parece no entanto esperar-se algo mais.

Não, que um programa "comunista" seja necessariamente marxista. Houve na História, ao menos desde Platão, programas de sociedade comunista que nada tinham a ver com o marxismo. Cada um deverá ser considerado em si mesmo, por aquilo que é, tanto em seus termos como em sua inspiração. Não é este, porém, o problema que

hoje se apresenta: não estamos em face de cristãos que querem ser comunistas fora do marxismo, mas de cristãos que em certo sentido querem ser também marxistas.

Aqui é necessário abordar não um só mas, de fato, toda uma gama variada de "distingos".

É verdade que esses "distingos" por vezes claudicam e com frequência sua expressão é duvidosa, encontrando-se ora numa, ora noutra direção. Os diversos "distingos" não tem, todavia, todos, ao menos a priori, o mesmo sentido. Daí a utilidade de passá-los sucessivamente em revista.

## 2 - A adoção da práxis marxista

Uma primeira forma é a do que diz: eu adopto a práxis marxista, a práxis e só ela. Nada, portanto, da filosofia ou da ideologia nem mesmo da teoria do marxismo. Eu, à prática marxista, associo outra teoria (e com maior razão, outra filosofia e ideologia) distinta da marxista.

Próxima a esta está a idéia de adoptar somente o programa político de um partido comunista-marxista. Contudo isto pode significar algo mais, já que a expressão "práxis marxista" pode conter algo mais do que o programa político de um partido. Suporá, certamente, a práxis da luta de classes. Suponha talvez também a luta, me-

diante o instrumento de um partido "de novo tipo", leniniano, com sua organização draconiana e seus meios — tão poucos respeitosos das pessoas e da verdade — fato reconhecido por Lenin (cf. *Que Fazer?*).

Sou consciente ao dizer isto, de que estou evocando um elemento, não concebido pelo próprio Marx, ou em todo o caso, não concebido por ele de forma tão revolucionária. Mas é um elemento que habitualmente não se costuma separar da "práxis marxista". Em relação a isto, marxismo significa correntemente marxismo-leninismo.

A posição de quem distingue assim a práxis da teoria é muito alheia ao próprio marxismo, em geral tão cuidadoso de uma dialética e de uma estrita conexão entre a práxis e a teoria. Prescindamos, no entanto, desta dificuldade que, para um cristão que entende, por sua conta, distinguir e escolher alguma coisa do marxismo, deixando outras, não tem importância.

Mais importante é o fato de que um marxista como Lenin tenha podido estimar que a práxis marxista, adoptada por si mesma, sem a teoria, conduz infalivelmente à adopção da teoria (e de toda a ideologia marxista). Segundo Lenin a aceitação da práxis da luta de classes" conduzirá os operários cristãos à social democracia (ou seja ao comunismo, no vocabulário leninista) e ao ateísmo,

cem vezes melhor do que poderia fazê-lo a simples pregação atêia" (*O partido operário em face da religião*, 1909). Embora exemplos disto sejam numerosos, Lenin poderia ter-se equivocado. O certo, no entanto, é que falta muito para que ele seja desmentido.

Como não se pode supor uma prática sem uma teoria (seja embora uma teoria mal formulada) é necessário que o cristão que entende adoptar a práxis da luta de classes, sem a teoria marxista, tenha **outra teoria** (aceitável para um cristão) dessa mesma luta.

Ora isto não só não é plausível, mas impossível. E não porque não se dê nenhum sentido cristão aceitável na idéia de que uma classe deva lutar por seus direitos ou seja na idéia necessária para isto de se opor, e lutar contra a outros homens ou uma outra classe ou outras classes. Toda concepção que se inspire no Evangelho, excluirá, no entanto, certos traços que são essenciais à prática marxista da luta de classes. Por exemplo, será contrária a uma prática que suponha que nunca pode haver compromisso, menos ainda reconciliação, à base de um programa justo; que inclusive suponha que não se deve procurar tal reconciliação. Uma visão cristã das coisas supõe que sempre se deve buscar a reconciliação, e isto implica em atitudes características (interiores e externas) na luta. Essa visão

exclui especificamente o ódio, enquanto a prática marxista se concilia com o mesmo (e isto inclusive em seu vocabulário). Exclui também a priori a idéia de que para essa luta não há outra saída a não ser a vitória de uma classe e a derrota (isto é o aniquilamento) da outra.

Lenine só se equivocou, portanto, se o cristão que se empenha numa prática da luta de classes não adopta de fato a práxis marxista da luta de classes, mas uma outra, e permanece firme nas atitudes que lhe inspira o Evangelho. Mas caberá a razão a Lenin, toda vez que esse cristão tiver imaginado poder adoptar exactamente a práxis da luta de classes que o marxismo sugere, mesmo se não entendeu adoptar simultaneamente a teoria marxista. Isto, a menos que se dê uma radical dicotomia na vida e no pensamento desse cristão. Dicotomia que de resto o Evangelho lhe deveria interdizer.

### 3 — A adopção da análise social marxista

Outros cristãos dizem que adoptam a análise social do marxismo e nada mais.

De novo, neste caso, embora em sentido inverso, é necessário recordar antes de tudo que a teoria marxista normalmente não se dá separada da práxis. E, em concreto, é pouco provável que se adopte a análise social

marxista — sem adoptar também a prática que lhe vai ligada e da qual vimos já as graves dificuldades para o cristão. Mas quem sabe talvez se poderia, com todo o rigor, adoptar essa análise, sem algumas de suas conclusões, no terreno da práxis. Talvez se poderia responder que sim (neste caso) se não se aceitasse a totalidade da análise social de Marx e se retivessem só certos elementos escolhidos. Por exemplo, se se retém só a teoria da plus-valia como explicação da exploração capitalista e também a lei da baixa tendencial da taxa de lucro.

Porque, certamente, só com essas teorias — qualquer que seja seu valor intrínseco — não se diz ainda nada de definitivo sobre a atitude que se há de tomar diante desse regime. Há lugar para a atitude, contemplativa, se se quiser, de quem chega à conclusão de que não há que opor resistência a esse declinar ineludível (e não necessariamente violento); há lugar também para a atitude de quem chega à conclusão de que se deve desde já, diante desse espectáculo, entender-se para reformar com urgência, ou melhor para substituir o regime; há enfim lugar à atitude de quem conclui que se deve fazer causa comum com a classe dos assalariados em sua luta contra esse regime. Mas importa precisar com que meios fazê-lo. E, também nisto, pode haver ainda um pluralismo de atitudes. A esco-

lha final depende de muitos pontos de vista que não estão incluídos somente na teoria da plus-valia.

Note-se que, para adoptar só essa teoria ou análise, é necessário em boa lógica tê-la provado, o que não é tão fácil, sendo inclusive considerado impossível pelos especialistas, tendo em conta os termos empregados por Marx que impedem se possa provar tanto que isto seja verdade, como que seja falso. Eis, por exemplo, o que a respeito diz Raymond Aron: "A teoria segundo a qual o valor da força de trabalho se mede pelo valor das mercadorias necessárias à vida do trabalhador e de sua família (teoria da qual depende tudo o que segue) ou é falsa ou não é falsificável; portanto, não é científica.

O volume de tais artigos (mercadorias) representam ou um mínimo fisiológico ou um mínimo que varia de sociedade a sociedade. Segundo os textos, Marx escolheu o segundo termo da alternativa; em termos modernos, o mínimo seria pois mais cultural do que natural. Neste sentido, o nível do salário seja qual for não ultrapassará nunca o mínimo que exige a consciência coletiva e as necessidades experimentadas pelos trabalhadores. Desse modo, jamais aparecerá uma contradição entre a teoria e o nível dos salários, por mais elevado que esse seja. Uma teoria, porém, que nenhum fato pode refutar,

pode ser científica no moderno sentido da palavra? "(Les marxismes imaginaires, Gallimard, 1977, pp. 280-281).

Precisando: é certamente falso que o valor da força de trabalho seja limitada por um mínimo fisiológico. Se se fala, porém de um mínimo cultural, então não se pode provar mais nada, porque ninguém pode determiná-lo. Ninguém pode dizer, se a teoria de Marx é ou não uma explicação da exploração: "Nenhum marxista, — pode acrescentar Aron — jamais calculou a taxa de plus-valia. E nenhum o conseguirá jamais: o conceito de plus-valia... não é operacional nem quantificável."

Geralmente, sob o nome de análise social marxista se entende bem mais que a teoria da plus-valia e suas consequências. Por exemplo, admite-se a validês (para o passado e não menos para o presente) da descrição que Marx faz das classes sociais (proletária e burguesa) e de seu irreduzível e irreconciliável antagonismo. É, neste ponto, que o matiz da análise social se torna propriamente marxista. E é aqui também que ela se torna dificilmente aceitável para um cristão.

Além disto e sobretudo, ao pretender não adoptar a não ser a análise social marxista, adoptam-se também muito frequentemente os seus pressupostos. Efetivamente, se Marx apresenta uma estrutura de classes sociais tão absoluta-

mente opostas entre si, isto não é só em nome da mera teoria da plus-valia (cuja aceitação, repito, pode deixar lugar a análise ulteriores e a atitudes muito diversas). Na própria gênese do pensamento de Marx a explicação econômica sucedeu, não precedeu a convicção sociológica. Efetivamente, Marx aplica à realidade social uma grade generalizadora que configura; o proletariado, como classe universal em negativo; luta de classes radicalmente antagônicas e salvação do proletariado mediante essa luta, como lei da história.

Ora a mera observação social, com os meios limitados de investigação da sociologia, permite, sim, encontrar explicações aproximadas dessa grade. Para quem não tiver a certeza, por outras razões, de que ela se aplica plenamente, mesmo lá onde não pode ser percebida empiricamente a não ser de maneira muito aproximativa, porém, a mera observação não o permite de maneira alguma.

Deixemos de lado, por enquanto, a questão de saber donde, fora da observação, Marx tira, por conta própria, esta certeza. O que não se vê, em todo o caso, é donde, em seu cristianismo, essa certeza haveria de provir para um cristão. Esse certamente crê na existência do pecado original. No entanto, o Evangelho não diz de modo algum que só a luta de classes

radicalmente antagônicas — uma tomando o lugar da vencida na função de opressora — seja a substância ou o tecido, a lei da história.

O pressuposto de Marx (obscuro certamente em seus escritos) é a existência de uma lei determinista de desenvolvimento contraditório. As relações sociais dependem das forças de produção (mais ou menos assimiladas às forças naturais) de tal maneira que a aparição de uma nova forma de produção faz necessariamente abalar as relações sociais que correspondiam à força de produção precedente (Cf. Introdução à contribuição à crítica da economia política; 1857).

Parece necessário acrescentar o que é em verdade ainda mais obscuro e expressado ainda menos claramente por Marx e que poderia ser o seguinte: pelo menos até o advento da sociedade comunista, cada força de produção engendra relações sociais não complementares mas antagônicas (de oposição e de luta). Em relação a todos esses movimentos determinados a consciência do homem é dependente e vem em segundo lugar; nisto se configura o "Materialismo histórico". Não se pode falar de análise social marxista sem este pressuposto. (Seja qual for o inconveniente; pois, tomado à letra, mais do que estimulante, ele

pode ser desmobilizador da revolução).

Não há dúvida que um pressuposto dessa natureza em relação ao mundo do homem seja muito dificilmente conciliável com o ensinamento do Cristianismo, tomado desde o Gênesis ao Evangelho. Mais dificilmente conciliável ainda é com a visão que nos é dada pelo Gênesis de um homem, sem dúvida pecador, mas imagem e companheiro de Deus, livre a despeito do pecado e, juntamente com Deus, criador da História (ou seja, não simplesmente ou absolutamente tombado pelo pecado sob a sujeição das forças da natureza; em todo o caso, redimido da sua dependência e libertado por Cristo).

De pressuposto em pressuposto, o materialismo histórico apela em Marx a um materialismo ainda mais radical; referimo-nos ao "materialismo dialético", embora o próprio Marx, jamais tenha empregado este termo. Trata-se de uma concepção, segundo a qual o homem emerge da natureza, somente como um fragmento ainda de certo modo nela encerrado, de uma originalidade muito relativa e, destinado a ser nela reabsorvido, depois das contradições transitórias. Isto, a menos que se desse um ciclo perene de nascimentos e de mortes da humanidade, como sugeriu Engels. De qualquer maneira, só a matéria é eterna; o próprio movimento é-

lhe inerente e não existe a não ser nela.

Se adoptando a análise social marxista, chega-se frequentemente (e de fato muito frequentemente) a adoptar também o materialismo dialético, em face do materialismo dialético hesita-se por vezes um pouco mais; mas não se está sempre longe de subscrever também a esse, tal é a necessidade dum princípio geral (seja qual for seu valor) para sustentar um princípio particular (da história social) que não se basta a si mesmo.

Isto, a menos que alguém não se tenha detido muito antes, não seguindo a Marx a não ser na análise sociológica descritiva-aproximativa da divisão de classes sociais (relativa e diversamente em conflitos, sem ver aí a aplicação de uma lei rígida de luta de classes, nem a consequência de meros fatores económicos e nem menos ainda o efeito de um determinismo económico natural absoluto. Parando-se aí, segue-se um terreno que um cristão pode pisar com outros que não o são: o terreno que com modéstia pisa todo sociólogo.

É verdade que isto é bem pouco especificamente marxista e mal se podem chamar de marxistas, ainda que seja com "distingos" os que não seguem a Marx, mais do que até aí.

Os que se dizem marxistas, seja embora no sentido da análise social marxista, tem adopta-

do, as mais das vezes, tanto a análise como os pressupostos que a envolvem (seja embora com o abuso dos termos, pois a análise social, no sentido corrente do termo, não inclui tais pressupostos, que são de ordem filosófica).

#### 4 - A adopção do marxismo como "ciência"

Segundo outra versão (ou visão) pretende-se adoptar o marxismo como ciência, sem adoptá-lo como filosofia.

Neste caso se admite o marxismo pouco mais ou menos na mesma esfera na qual o admitem aqueles que o adoptam como "análise social"; ou seja, na esfera da realidade social e de seu movimento; na esfera, portanto, da história. Mas insiste-se nesse caso e muito expressamente no seu carácter científico (na sua "cientificidade").

Isto se pode dar em dois sentidos. Ou se quer dizer que neste campo de estudo se segue a um Marx que, por sua conta e à sua maneira, empreendeu a exploração científica verificada, sem julgar previamente sobre o valor das "leis" descobertas por Marx, submetendo-as, ao contrário, na liberdade da ciência, a nova verificação (ou contraprova). Isto não haveria certamente de constituir uma contraindicação para um cristão.

Ou então se quer dizer que se segue a Marx porque sua análise do campo social é científica

(válida tanto para o passado como mais válida ainda para o presente, isto é para a sociedade de hoje como para a do passado).

Geralmente é neste segundo sentido que se entende. Que dizer então do ponto de vista dum cristão?

Nenhuma dificuldade, no meu entender, se alguém, observando as leis da epistemologia científica comum à ciência moderna, puder dizer que o marxismo é científico, porque ele o provou e verificou sua validade.

Mas, lamentavelmente, como vimos acima, isto não pode ser tentado a não ser em algumas proposições da análise social de Marx. Ao contrário, quando a verificação empírica é impossível pela natureza mesma da proposição, cede o passo à aplicação de pressupostos como da lei histórica da luta radical de classes, ou ao materialismo histórico, que não só não são meramente de natureza científica, no sentido corrente do termo (ou seja, que não são sequer postulados indispensáveis à prática da ciência), isto é impossível de ser tentado. Bem frequentemente, neste caso, diz-se que o marxismo é científico (e se aderirá ao mesmo por causa da sua "cientificidade"), não mais em razão da verificação empírica, mas em virtude justamente desse conjunto de pressupostos. Pois, descobrindo esses pressupostos, Marx teria

constituído, de uma vez por todas, a ciência social (ou a ciência da história).

Admitindo-se isto, isto é, esses pressupostos, essa visão de conjunto do mundo, do homem e mesmo da natureza, não restaria senão inclinar-se aos mesmos (ou seja aceitá-los). Quanto muito poder-se-ia ainda procurar como isso se aplica cá e lá; e quiçá aí poderia então ainda haver opiniões diferentes.

Esse uso da palavra ciência para designar uma ampla totalização conceitual, que a maioria dos nossos contemporâneos tende mais a qualificar como filosofia, tem sua origem nas ambições do idealismo alemão de Kant a Hegel, passando por Fichte (cf. Paul Valadier "Marxisme et scientificité", Etudes, maio, 1976, pp. 713-726). É um emprego possível do termo. O emprego das palavras tem sempre algo de convencional. O que é certo, no entanto, é que, em face da ciência tomada nesse sentido, não há por que se inclinar, como em face dos dados empíricos verificados, como os da ciência no sentido mais corrente da palavra. Importa antes procurar descobrir como identificar-se com esses modos de pensar mais subtis (e em certo sentido, menos convincentes) da reflexão filosófica.

Mas para um cristão há ainda a dizer o seguinte: se é bem verdade que pode praticamente aceitar as conclusões

científicas comprovadas da ciência ordinária, sem submetê-las a priori à luz da sua fé e sem recear que possam atentar contra a mesma, é falso que possa adoptar uma concepção totalizante do mundo (se é que há alguma) sem atentar à sua fé.

Não se quer dizer com isso que a filosofia não seja uma atividade livre do espírito. Não é isso; a fé não se substitui a ela. A fé, no entanto, ao menos a fé cristã, se concebe a si mesma como uma luz que, a seu modo, ilumina o próprio campo ou uma parte do campo no qual se aplica a filosofia. A relação entre a fé e a filosofia é bem mais estreita que a relação entre a fé e a ciência, no sentido corrente do termo.

Em nossos dias um Louis Althusser, por exemplo, intenta claramente apresentar a totalidade do marxismo (ou o que ele identifica como essa totalidade -prescindindo doutra parte, segundo seu próprio parecer, de certos elementos) como ciência. Uma ciência totalizante das formações sociais e da história, que Marx teria constituído pela primeira vez e definitivamente (embora ele mesmo não estivesse consciente disto, nota Althusser). Tomando a palavra "ciência" no sentido ordinário do termo pode-se-lhe responder que tal totalização não seria possível a não ser ao termo de uma investigação, efetivamente realizada, de todas as formações sociais da história, com-

preendidas inclusive aquelas que ainda não se desvendaram. "Livres são os filósofos que ignoram a realidade histórica diz R. Aron — aliás com demasiado desprezo implícito pela função da filosofia — de sonhar com uma ciência da história que construiria os tipos sociais a partir de um pequeno número de variáveis selecionadas. Tal ciência não existe ainda e provavelmente não pode ainda existir; historiadores e sociólogos se entregam ao duro labor da verdade, a decifrar uma matéria meio informe que estruturam à base de conceitos, marxistas ou não, forças de produção, desenvolvimento, crescimento, modernização, dos quais eles não ignoram as incertezas..." (*Les Marxismes imaginaires*, p. 369).

Em verdade, apesar de uma certa sedução que tem a palavra "ciência", erram no objeto aqueles cristãos que dizem ligar-se ao que há de ciência no marxismo (ou ao marxismo como ciência), mais do que a qualquer outra coisa no marxismo. Não é acaso mais lógico que os cristãos, precisamente em razão de sua fé, sejam mais sensíveis a outros aspectos, éticos ou humanísticos do marxismo — ainda que também esses sejam discutíveis por causa da sua proximidade com os pressupostos materialistas — aspectos esses mais discutíveis num terreno no qual o cristão percebe ele também a presença de alguma coisa de autêntico?

A verdade é quem muito mais do que a ciência de Marx, o que suscita o interesse dos cristãos é a denúncia que ele faz da injustiça, seu agudo sentido da alienação do proletariado, sua aspiração por uma reconciliação do homem com o homem e com a natureza (por mais ambígua que seja essa reconciliação).

A "cientificidade" não passa de um feliz pretexto de acréscimo.

É aliás o que ocorre também com a grande maioria dos outros (isto é dos não cristãos que aderem ao marxismo). Nem a ciência, nem o programa econômico os haveria de satisfazer. Como diz R. Aron "Que restaria do verdadeiro Marx (não seja do que há de verdadeiro em Marx) se a revolução socialista se reduzisse à mera modificação das relações de produção e de estatuto da propriedade e não significasse ao mesmo tempo o acesso da humanidade a si mesma e ao senhorio do seu próprio destino? (*Les marxismes imaginaires*, p. 363).

Eu mesmo entendi poder escrever, em 1970, em um posfácio à minha obra "O pensamento de Karl Marx": "Parece-nos até hoje que a maioria dos que aderem ao marxismo, com a exceção de alguns, principalmente intelectuais, adoptam ainda o pensamento de Marx, segundo uma modalidade unitária: a economia, a sociologia, a

ideologia e até a filosofia, seja embora sob forma popular, onde são ainda inseparáveis" (p. 354). E, em outra parte: "O pensamento de Marx não teria tido o peso que efetivamente teve, não fora a ideologia que não cessou de acompanhar, de desbordar, de generalizar de "maximizar" os elementos propriamente científicos" (p. 351).

### 5 - A adopção do marxismo, como método

Como último "distinguo" a considerar, resta o da adopção do marxismo, unicamente como método.

É verdade que para alguns se trata de adoptá-lo como método ao mesmo tempo de análise e de transformação da sociedade. Tratando-se da adopção de método marxista de transformação da sociedade, é claro que se trata de novo da adopção da práxis marxista, da qual temos tratado no primeiro ponto e do qual vimos as dificuldades que apresenta para o cristão. Não voltaremos a isto.

Para outros, parece que não se trata a não ser de método de análise. Insistimos: não da análise em si mesma, ou seja do seu conteúdo do qual também temos falado, mas somente do método desta análise; portanto, sem pré-julgar a validez ou aplicação que dele fez o próprio Marx.

Penso, que em certo sentido, a proposição poder ser aceita.

Certamente, a questão não é tão simples. Porque o próprio Marx não fala de método, a não ser de forma ocasional e, nem sempre de maneira clara. Discute-se, por exemplo, sobre o sentido a ser dado a certas referências feitas por Marx, à lógica de Hegel, retomadas desde a base, a propósito de seu método em "O capital".

Em outro caso, Marx indica sua intenção de preferir uma demarche que parta do concreto sócio-económico: não olhar em primeiro lugar, o que dizem os homens, mas antes de qualquer outra coisa, o que fazem e em que condições sócio-económicas se encontram. Se nisto não se põe um rigoroso determinismo económico, esta observação de método, pode ser bastante valiosa para o historiador e o sociólogo. Ou ainda quando Marx diz que é necessário procurar identificar os conjuntos estruturados mais do que os fenómenos esparsos, o que constitui uma observação (metodológica) certamente válida. Nisto, aliás, Marx foi seguido por um grande número de sociólogos, que nem por isto sentiram a necessidade de se dizerem marxistas. Basta neste sentido pensar em Max Weber e naqueles que podem ser chamados sua escola.

Mesmo a idéia da contradição entre as forças de produção e as relações de produção (ou relações sociais) tem um valor metodológico ou heurístico. Es-

ta idéia pode servir de fio condutor a pesquisas sócio-históricas muito interessantes (sem que para isto, no entanto seja necessário colocar aí a causalidade determinística que Marx lhe acrescentou — e desta vez — como postulado ao método).

Neste sentido e talvez em outro do mesmo gênero, o "método" de Marx tem interesse, mesmo independentemente do resto do marxismo; e um cristão, por sua parte, pode encontrar-se nele sem problemas, com a condição de não absolutizar só essas perspectivas e de não tomar só esses fios condutores, com exclusão de todos os outros.

O que parece ocorrer com frequência, porém é que (prescindindo do sentido das palavras, embora este ponto de vista seja secundário) se diz adoptar só o método de Marx, em um ou outro dos sentidos acima enunciados, mas de fato adopta-se juntamente a própria análise efetiva e ademais, os pressupostos ou postulados que lhe dão a segurança e o radicalismo que a mera observação científica não daria. E, em última instância, é a lei da História compreendida como luta de classes, ou "materialismo histórico", o que se oculta sob o nome inocente de "método marxista". Nesse caso, o cristão não pode deixar de encontrar as dificuldades já assinaladas

quando tratamos dos que pretendem aderir ao marxismo como análise social (desbordando porém de fato para o materialismo histórico, ou seja, ao materialismo dialético) ou como ciência (extrapolando então para o filosófico).

Não se trata em tudo isto de pressionar a quem quer que seja. É necessário, no entanto, chamar a atenção sobre o fato de uma unidade de pensamento (e também de práxis) marxista, que é bem maior do que em geral se supõe. Certamente, nesse conjunto podem-se fazer distinções. Nós mesmos indicamos algumas. Não se creia, porém, que sejam tão fáceis de fazer. No Marx concreto e no marxismo concreto, os elementos que se pretende isolar exigem os outros e neles implicam, mesmo que tal implicação ou ligação seja mais postulada do que demonstrada. Se não toma cuidado, o marxista "com distingos" acaba facilmente e muito cedo transformado em marxista "tout court".

Conseqüentemente não faltaram, nos últimos decênios cristãos que tendo começado pelo marxismo com "distingos", se converteram de fato em marxistas integrais. O fato, aliás, é pelos mesmos reconhecido, não se considerando mais eles mesmos como cristãos, não vendo mais sentido na sua fé e descobrindo que seu marxismo não deixa mais lugar à fé, nem na teoria, nem na práxis.